

**OS LUGARES E A MEMÓRIA: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
NO EXREMO SUL DA BAHIA**

Tharles S. Silva
Doutorando PPGES-UFSB
tharlessilva@yahoo.com.br
Bolsista FAPESB

Uma das áreas diretamente afetadas pela Segunda Guerra Mundial no Brasil foi o Extremo Sul da Bahia, uma região que sempre aparece de forma tangencial na historiografia brasileira. O conflito deixou marcas tão profundas na região, que até hoje podem ser percebidas, na memória dos mais velhos e nos espaços físicos de algumas de suas cidades. Além disso, muitas pessoas da região foram convocadas para compor a Força Expedicionária Brasileira e cidades como Belmonte, Porto Seguro e Caravelas foram diretamente ligadas à guerra e às estratégias de defesa do litoral do Nordeste do Brasil.

Após o fim do conflito, histórias populares surgiram sobre ela e com o passar dos anos, colégios, ruas, praças e bairros receberam nomes que fazem referência direta aos ex-combatentes da região, personagens ligados à defesa do Nordeste, como o Brigadeiro Eduardo Gomes, ou batalhas nas quais estiveram envolvidos os combatentes regionais. Estes lugares, construídos pelo Poder Público, deveriam se constituir como verdadeiros monumentos portadores das lembranças do período. No entanto, terminaram por não se transformar em repositórios da memória da guerra.

Estes locais não conseguiram se conectar às memórias individuais e, por isso, não se transformaram em elementos identitários. Ao contrário, estes espaços caíram no mais profundo esquecimento social. Em Porto Seguro, uma praça construída para homenagear os soldados que guarneceram as praias do município, foi ocupada por um trailer de lanches e seus contornos foram cobertos por arbustos, impossibilitando sequer a leitura do memorial nela presente. Em Caravelas, o Aeródromo das Conchas, no qual atuou a Marinha dos

Estados Unidos, no âmbito da defesa do litoral nordeste do Brasil, foi de tal modo abandonado pelos órgãos que deveriam zelar por sua manutenção, que todas as madeiras dos edifícios, tais como das casas dos soldados e oficiais, foi saqueada. Em Teixeira de Freitas, a rua com o nome de um ex-combatente da região, Bernardo Grinaldo de Medeiros, e um bairro com o nome Monte Castelo, passam completamente despercebidos aos olhos dos transeuntes.

Os casos expostos revelam uma desconexão entre os lugares e as memórias que eles deveriam evocar. Isso possibilitou, em alguns casos, a sua quase completa destruição. Disto se deriva a questão que pretendemos discutir neste pequeno trabalho: por que os espaços ligados à guerra no Extremo Sul não se constituíram efetivamente como lugares de memória?

Partimos do princípio de que existem duas memórias: uma memória social e uma espécie de memória física. A primeira corresponde à forma como as pessoas se recordam e interpretam os eventos da guerra na região. A segunda, corresponde aos espaços que estiveram direta ou indiretamente ligados ao conflito e aquele criados posteriormente para homenagear os ex-combatentes da região e os soldados que nela estiveram para defende-la.

O texto está dividido em duas partes: na primeira, apresentamos a área que estudamos, o Extremo Sul da Bahia, abordando os critérios utilizados para construir o que classificamos como região, bem como os eventos da Segunda Guerra Mundial que nela ocorreram, partindo do princípio de que eles forneceram os elementos para a formação de uma memória social do conflito; na segunda, apresentamos os lugares que deveriam ser os marcadores identitários para dar suporte à memória da Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul, analisando os fatores que podem ter levado a uma desconexão entre estes lugares e a memória social sobre o conflito.

O Extremo Sul da Bahia e a Segunda Guerra Mundial

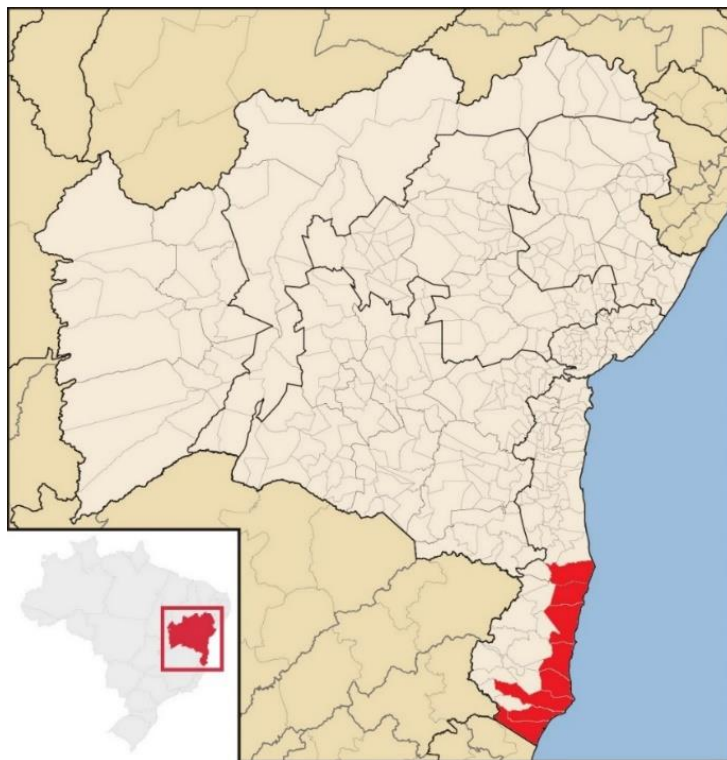
Antes de tratar do nosso tema propriamente dito, é preciso apresentar a região que aqui é definida como “Extremo Sul da Bahia”, uma vez que ela não coincide com as demarcações das macrorregiões e mesorregiões oficiais do estado. Partindo do princípio de que a região é, em todos os casos, “uma construção do próprio historiador, que pode ou não

coincidir com um recorte administrativo ou com uma região geográfica preconizada por uma Cartografia oficial” (BARROS, 2005, p. 119), classificamos como Extremo Sul baiano a área resultante da fragmentação territorial da antiga Comarca de Porto Seguro.

As cidades que formam essa região compartilham aspectos sociais, econômicos e culturais. Alguns dos traços que aproximam os seus núcleos urbanos são: a forte presença indígena, perceptível não apenas nas aldeias, mas nos topônimos; as atividades ligadas à agricultura, pescaria e extrativismo vegetal, todas elas remontando ao século XVI; as tradições religiosas, marcadas pelo catolicismo, mas também por elementos indígenas e mais recentemente africanos; e hábitos alimentares, fortemente marcado pela presença indígena. De forma resumida, estes são os aspectos simbólicos que nos permite classificar o espaço que apresentaremos adiante como uma região.

Quanto ao território – pois toda região é definida em torno de um espaço físico – o que chamamos de Extremo Sul da Bahia é composto pelos termos municipais de Belmonte, Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Prado, Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri. No entanto, atualmente existem muitas outras cidades no entorno destas, mas nossa região é datada historicamente. Até a primeira metade do século XX, na região existiam apenas as oito cidades citadas. Assim sendo, eis o nosso Extremo Sul da Bahia:

O Extremo Sul da Bahia na primeira metade do século XX



Fonte: MAPA do estado da Bahia. Raphael Lorenzeto de Abreu. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org> acesso 26.07.2019. Adaptado.

Como se pode observar, é uma área que está naturalmente voltada para o oceano. Não por acaso, ele era a principal via de acesso à região, desde o período colonial até a primeira metade do século XX, período que estudamos. Essa era uma das peculiaridades do Extremo Sul: era uma região à margem da Bahia e do restante do Brasil. Não havia estradas que o conectassem ao interior do país, nem entre as próprias cidades que compunham a região. A única possível exceção desse contexto era o município de Caravelas, onde a ferrovia Bahia-Minas terminava. Contudo, como não existiam estradas que conectassem as oito cidades da região, a ferrovia não resolvia completamente o problema de integração do Extremo Sul ao restante do país. Um passo importante para resolver esse problema foi dado apenas em 1939, com a inauguração do antigo Campo de Aviação do Arraial d’Ajuda, em Porto Seguro¹.

¹ Ver SILVA, Tharles S (Org.). *Asas para Porto Seguro: histórias e memórias do antigo Campo de Aviação do Arraial d’Ajuda*. Jundiá: Paco Editorial, 2019.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Definida a região e apontadas as suas características e especificidades, podemos passar a tratar da Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul da Bahia.

A guerra atingiu a região no dia 19 de agosto de 1942. Nessa data, a barcaça Jacira foi afundada pelo submarino alemão U-507, nas proximidades de Itacaré. A barcaça havia saído do porto de Belmonte e era muito conhecido na região, possivelmente, porque fazia viagens frequentes ao Extremo Sul. O seu afundamento causou grande comoção e indignação na região, principalmente em Belmonte, onde o jornal oficial Boletim Município de Belmonte, noticiou intensamente o ocorrido, além de reimprimir informações referente à Jacira em outros jornais baianos.

Este é um marco importante para a memória da guerra na região. Até hoje as pessoas se lembram do caso da Jacira e até mesmo o nome do capitão e proprietário da barcaça, Norberto Hilário dos Santos. Apesar disso, consideramos que os impactos da Jacira foram indiretos, pois o ataque aconteceu em um local distante do Extremo Sul. Porém, o que viria a seguir deixaria uma marca muito maior na memória dos habitantes mais velhos da região.

No dia 2 de março de 1943, entre as 19 e 20 horas, o Afonso Pena, um navio de carga mista (pessoas e mercadorias), pertencente à empresa Lloyd Brasileiro, foi tacado e afundado no largo da costa de Porto Seguro pelo submarino italiano Barbarigo. Mais de 120 pessoas morreram no evento e os sobreviventes ficaram à deriva durante toda a noite. Uma parte deles foi resgatada ainda no mar pelo navio petroleiro Tennessee, de bandeira americana, e os outros chegaram às praias município de Porto Seguro.

De acordo com o relato dos sobreviventes, o navio afundou de proa², com os motores ainda ligados, o que fez com que as hélices tragassem os naufragos mais próximos a elas, estraçalhando-os. Não fosse o suficiente o tormento, os marinheiros do Barbarigo assistiram ao desespero dos sobreviventes, interagindo com as vítimas. Bernard Morera, um dos sobreviventes, relatou ao jornal carioca “A Noite”, que os oficiais italianos

“(…) atiravam frases injuriosas e deboches, comentários sobre o sucedido.
– Foi então que tivemos conhecimento da nacionalidade do submarino. Era

² Parte dianteira de uma embarcação.

italiano, e disso todos tivemos prova, porque os oficiais procuravam fazer-se entender com frases num misto de brasileiro e italiano”. (A NOITE, 19.03.1943, p. 3)

O ataque deixou marcas profundas no imaginário coletivo dos moradores de Porto Seguro. O senhor José Carmo dos Santos, por exemplo, em entrevista, recordou-se que após o ataque, “deram as coisas na praia. Aí muita gente de Porto Seguro achou muitos fardos de carne” (JOSÉ CARMO DOS SANTOS, 2016).

A partir desses ataques, histórias de submarinos margeando a costa do Extremo Sul e das ações de quinta-coluna³ começaram a povoar o imaginário dos moradores locais. Isso desencadeou uma espécie de perseguição aos estrangeiros que viviam na região. Em Belmonte, uma mulher germânica chamada Abiah Reuters, era acusada pelos moradores locais de se comunicar com os tripulantes de submarinos alemães e de fornecer-lhes mantimentos. Ela acabou sendo alvo de abusos cometidos pelos soldados que guarneciam Belmonte, que invadiam suas propriedades e usavam seus recursos (Cf. VICENTE LIMA BEZERRA, 2016). Em Santa Cruz Cabralia, os italianos Gustavo Piacentini, Vitori Levi, Fortunato Lome e Etori Manoaldi, donos de uma cooperativa agrícola foram detidos pela polícia para “averiguação” (A TARDE, 29.09.1942, p. 8). Finalmente, em Porto Seguro, um português – e Portugal era um país neutro no conflito – dono de um armazém foi preso por uma noite (DECIO GURRITE PESSÔA, 2018).

Nesse contexto, foram enviadas guarnições para as principais cidades da região: Belmonte, Porto Seguro e Caravelas. Entre maio de 1943 e julho de 1944, regimentos de cavalaria e artilharia motorizada guarneceram o litoral do Extremo Sul. Os soldados se tornaram uma imagem importante no imaginário regional. Os moradores mais velhos até hoje se recordam de episódios peculiares e dos nomes daqueles que se tornaram mais próximos.

³ Termo cunhado durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e usado para designar aqueles que, em Madri, apoiavam as quatro colunas do General Francisco Franco que marchavam contra o governo da Frente Popular Republicana do presidente Azaña. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi utilizado para referir-se àqueles que agiam num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo. Esses indivíduos também eram chamados de colaboracionistas.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Uma das coisas que nos permite compreender porque a presença dos soldados foi algo marcante, está nas condições socioeconômicas locais. Em Porto Seguro, por exemplo, durante uma entrevista, a senhora Rosa Jorge de Morais (2017), nos falou sobre a escassez alimentos e do hábito que as pessoas desenvolveram de trocar alimentos para complementar suas dietas. Nesse contexto, os soldados se tornaram peças fundamentais para a pequena cidade, pois como recorda o senhor Benedito Ramos Cassimiro (2016), os soldados distribuía as sobras de suas alimentações com a população local. Esse, certamente, é um dos elementos que fez dos soldados uma imagem importante para a memória da guerra na região.

Outros dois elementos muito importantes são as pessoas que foram convocados na região e as homenagens que lhes foram feitas após a o conflito. Até o momento identificamos 59 pessoas convocadas ou se alistaram voluntariamente para compor a Força Expedicionária Brasileira, originários de Belmonte, Porto Seguro, Alcobaça e Caravelas. Destes, até o momento sabemos do histórico de campanha de apenas três. Em Belmonte e Caravelas, o orgulho de ter tido pessoas que lutaram na Itália é muito grande até hoje, o que se pode observar nas homenagens que lhes foram concedidas após a guerra. Ruas receberam seus nomes, bairros receberam os nomes das batalhas que eles lutaram, dentre outras coisas. Em Porto Seguro, onde é mais forte a lembrança dos soldados que guarneceram o litoral, foi construída uma praça e homenagem a eles. Estes lugares serviriam, a princípio, como suportes para a memória da guerra na região, na medida em que encerravam todos os principais elementos constitutivos dessa memória.

Estes elementos que destacamos compõe um quadro de referências, como definiu Michel Pollak (1989), que permite à comunidade regional acessar uma memória comum da Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul da Bahia. Ainda de acordo com Pollak (1992), a memória, seja ela individual ou comum, é constituída por elementos tais como os acontecimentos (afundamento das embarcações e perseguição aos estrangeiros), pessoas (os soldados que guarneceram o litoral e os ex-combatentes) e lugares (as homenagens construídas após a guerra). As experiências vividas pessoalmente e ainda aquelas que, não vivenciadas particularmente por nós, mas pelo grupo a que se pertence, aquilo que Michel Pollak chama de acontecimentos

vividos por tabela, que resultam em uma memória herdada. Isso nos ajuda a entender porque, apesar de a região ser grande, a memória da guerra ser composta basicamente pelos mesmos elementos que, de alguma forma, percorreram todas as cidades do Extremo Sul.

Os lugares e a memória

Após a guerra, os lugares a ela relacionados, seja de forma direta ou indireta, foram preservados. Foi o caso do Aeródromo das Conchas e o antigo Campo de Aviação de Arraial d’Ajuda, em Porto Seguro – que apesar de não ter sido construído para guerra, nem ter tido função militar, os moradores locais o associam à Segunda Guerra. Além destes, após o conflito outros locais foram construídos para servirem de suporte à memória da guerra. Utilizaremos como exemplos, a Praça dos Ex-Combatentes, em Porto Seguro, o Bairro Monte Castelo e a Rua Bernardo Grinaldo de Medeiros, em Teixeira de Freitas, e a Rua Ex-Combatente, em Nova Viçosa.

A função de todos estes locais, os mantidos e os construídos, era auxiliar na preservação da memória da Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul da Bahia, bem como homenagear seus ex-combatente. Dessa forma, deveriam atuar como “lugares de memória”, locais que de acordo com Pierre Nora:

"nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais". (NORA, 1993, p. 13)

A função dos lugares de memória é servir como uma espécie de elemento agregador da sociedade que, para tal, se utiliza da memória. Eles são verdadeiros marcadores identitários, aos quais as pessoas vão para reforçar seus laços de pertencimento com a comunidade. No entanto, algo interessante ocorreu com os lugares de memória relacionados à guerra no Extremo Sul baiano: uma dissociação entre eles e a memória social do conflito.

Essa dissociação fez com que duas memórias sobre a Segunda Guerra surgissem na região: uma social (mantida pelas pessoas) e uma física (alojada nos lugares relacionados à guerra). Cada uma delas com sua própria narrativa – melhor dizendo, a memória física

apresenta sua própria possibilidade narrativa. A primeira, revela uma guerra idealizada, que ressalta o horror dos ataques à Marinha Mercante, mas escamoteia os impactos da presença dos soldados na região, como a retirada das jovens para as zonas rurais para evitar que se relacionassem com os soldados, e os abusos de autoridade, como o alojamento dos animais das tropas em áreas particulares sem a permissão dos donos, dentre outras coisas. Estes elementos só podem ser percebidos em leituras a contrapelo, tomando de empréstimo a ideia de Benjamin (2012). A memória física, por sua vez, apresenta uma possibilidade narrativa mais institucional, na medida em que estes espaços representam o poder que emana do Estado. A dissociação fez com que os lugares de memória não cumprissem sua função e a consequência disso foi o abandono destes locais. Alguns terminaram por serem destruídos ou desconfigurados.

Esse fenômeno é curioso e para tentar compreender o que pode ter acontecido, elaboramos algumas possíveis explicações. Primeiro, talvez o Estado contemporâneo não possua mais o poder de atribuir potencialidade mnemônica aos lugares. A construção de museus, monumentos e outros tipos de lugares de memória foi muito característico da consolidação dos Estados-nacionais, no século XIX. Naquele contexto, o fortalecimento do nacionalismo exigia estruturas que dessem suporte à identidade nacional. Contudo, no mundo cada vez mais globalizado como o que vivemos, a ideia de uma nacionalidade forte perdesse o sentido e isso pode ter se refletido nos lugares relacionados à guerra no Extremo Sul da Bahia.

Outra possibilidade é que a falta de preservação e de uma política educacional específica para estes locais impediu que as pessoas os compreendessem como lugares importantes para identidade local. Qualquer lugar de memória precisa de uma série de ações de cunho educacional para que a comunidade consiga compreender sua função. Nos lugares relacionados à guerra na região que estudamos não há qualquer tipo de iniciativa séria com esta finalidade. A memória não é espontânea e o aprendizado cívico também não é.

Entretanto, é possível ainda que a dissociação entre a memória social e a física tenha sido causada por um fator psicológico. Esses lugares aludem às dificuldades e horrores da guerra. Dessa forma, o conflito passa a ser visto como um trauma e a ação consequente disso

é o afastamento de qualquer coisa que lembre este trauma. Assim sendo, a população da região se concentrou em elementos específicos que possibilitavam narrativas menos traumática e abandonou os locais.

Outra possibilidade é que como a maior parte destes lugares prestam homenagens ex-combatentes, com a morte deles os locais perderam sua razão de ser. Ou, simplesmente, a população regional não se identifica com a narrativa proposta por estes locais, pautada no heroísmo e no esforço nacional para combater as Potências do Eixo.

É possível, ainda, que o grande fluxo migratória para a região, ocorrido após a crise do cacau na região de Ilhéus e Itabuna, nos anos 1980, fez com que estes locais perdessem a importância. Isso pode ter acontecido porque os novos moradores não conseguem atribuir-lhes importância, já que aludem experiências e um passado que não lhes pertence.

Por fim, há que considerar o próprio lugar da Segunda Guerra Mundial na memória nacional brasileira. Todos os países Aliados que participaram diretamente dos combates, fizeram da guerra e da trajetória de seus exércitos o grande marcador da memória nacional no século XX. O Brasil, no entanto, único país da América do Sul a enviar tropas regulares para combater na Europa, não fez o mesmo. Os próprios ex-combatentes foram relegados ao esquecimento, até serem recuperados após a década de 1970. A historiografia brasileira da Segunda Guerra nunca teve grande relevância no contexto da produção historiográfica nacional, coisa que apenas recentemente tem mudado. Não há comemorações públicas no dia que marca o fim do conflito, nem grandes homenagens aos ex-combatente, dentre outras coisas. Nesse contexto, não se pode esperar que os habitantes do Extremo Sul da Bahia ajam de forma diferente.

Dessa forma, podemos nos perguntar, qual o papel desse conflito no imaginário coletivo dos moradores da região? Como afirmou John Keegan (1996, p. 31), “qualquer história da Segunda Guerra Mundial é, portanto, uma história do mundo entre 1939 e 1945”. Mas os moradores do Extremo Sul baiano precisam saber disso para que os espaços relacionados à guerra lhes façam sentido? Seja como for, essa dissociação mostra que, embora os lugares sejam importantes elementos para a criação e manutenção da memória

social, eles não são sua causa material, ou seja, ela não precisa de espaços físicos para se manter.

Por outro lado, todo objeto tocado pelo homem adquire potencialidade mnemônica. Nesse sentido, apesar dessa dissociação entre a memória social e os espaços ligados à guerra, sua simples existência permite uma narrativa específica do conflito na região. Desse modo, eles representam uma espécie de memória física que encerra em si diversas experiências próprias deles e de quem os construiu e utilizou.

Considerações finais

A guerra, como destacou Roney Cytrynowicz,

Além de mudar efetivamente o curso de uma vida, de milhões de vidas, engendra uma cultura própria, particular em torno da guerra, com suas histórias de família, suas celebrações cívicas, monumentos que marcam a paisagem, condecorações e pequenas coleções de uniformes, armas, equipamentos, medalhas do inimigo. A guerra não apenas determina, muitas vezes, a periodização de histórias nacionais, mas também a de histórias familiares, criando uma mitologia particular de heroísmo ou, ao contrário, de devastação e barbárie e de ódio ao inimigo militar confundido com outros povos e nações. (2000, p. 17)

Seja como for, a guerra é sempre uma experiência extrema e deixa marcas tão profundas, que atinge diversas gerações. São essas marcas que produzem as memórias do conflito.

Dessa forma, compreende-se que a memória não é espontânea, mas fruto de elementos diversos, forjados no passado, mas por vezes ressignificados no presente. Assim sendo, a memória é uma ponte que liga o presente ao passado, e tem como função manter a coesão e a identidade de um grupo. É isso que torna a memória um fenômeno imprescindível para a vida humana em sociedade.

No Extremo Sul da Bahia, uma região que até o início do século XX estava quase isolada do restante do Brasil, a guerra foi um divisor de águas. No que se refere ao isolamento, a dinâmica de defesa do litoral contribuiu para conectar a região ao restante do país. No que

se refere à dinâmica social, o período do conflito serviu para reforçar os laços comunitários, por meio das trocas de alimentos, pelo compartilhamento das refeições dos soldados, dentre outras coisas. No que se refere à economia, alguns lugares ligados à guerra, que demandavam manutenção, acabaram contribuindo para a oferta de empregos permanentes. Além disso, após a guerra se pode perceber uma política de integração da região à outras partes do Brasil, por meio da construção de estradas, de exploração de recursos naturais e da ampliação da criação de gado.

Contudo, no que concerne ao imaginário coletivo, a guerra produziu duas diferentes possibilidades narrativas. Uma delas ancorada nas pessoas, a memória social, e a outra ancorada nos espaços ligados direta ou indiretamente à guerra. Um estranho processo de dissociação fez com que as pessoas do Extremo Sul rejeitassem esses lugares como suporte para a memória da guerra, revelando que no mundo em que vivemos, a memória não precisa de lugares de memória para subsistir. Entretanto, acreditamos que isso deixa a memória em uma situação de volatilidade. Sem o amparo dos lugares, a memória pode estar mais sujeita às reconfigurações operadas por interesses individuais, coletivos ou institucionais.

Porém, os lugares relacionados à guerra ainda existem e essa existência possibilita a reconstrução de uma narrativa da guerra que é única deles.

Referências

Fontes

A TARDE, nº 10.721, ano XXX, Salvador, 29.09.1942.

A NOITE, n. 11.171, ano XXXII, Rio de Janeiro, 19.03.1943.

ENTREVISTA. Benedito Ramos Cassimiro. Arraial d'Ajuda, 31.12.2016.

ENTREVISTA. José Carmo dos Santos. Arraial d'Ajuda 20.10.2016.

ENTREVISTA. Rosa Jorge de Moraes. Arraial d'Ajuda 25.06.2017.

ENTREVISTA. Vicente Lima Bezerra. Belmonte, 10.12.2016.

MAPA do estado da Bahia. Raphael Lorenzeto de Abreu. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org> acesso 26.07.2019.

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. *Revista de História Regional* 10 (1): Verão, 2005, p. 95-129.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: EDUSP; Geração Editorial, 2000.

GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005

HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KEEGAN, John. *The Second World War*. New York: Penguin Books, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

POLLACK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SILVA, Tharles S (Org.). *Asas para Porto Seguro: histórias e memórias do antigo Campo de Aviação do Arraial d’Ajuda*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.